

# VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Em algumas cidades da capital, chega a quase 10% o índice de alunos que admitem fazer parte de gangues. Governo orienta escolas a buscar os órgãos de segurança para coibir ocorrências nos colégios

## Com a galera, eu me garanto

ERIKA KLINGL E  
DIEGO AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Ele é de galera. Sente-se valente por isso, respeitado e fala o que lhe der na telha. “Tem professor e diretor que é muito folgado. Quem me xinga, eu sento a pancada. Não levo desaforo para casa, não”, avisa, em tom de deboche. Quando tinha 13 anos, conta orgulhoso, foi expulso da escola onde estudava porque deu um “boxe” na professora. “Boxe” é murro, mas ele tem um jeito todo próprio de se expressar: “tem umza ‘prensa’ minha lá na Igreja Universal”. “Prensa” é pichação, que, aliás, tem na igreja, na casa de vizinhos e no portão da escola onde estuda, em Samambaia. Hoje, aos 17 anos, ele se esforça para terminar ao menos a 8ª série. Quer concluir os estudos para “dar um futuro bom” ao filho que há quatro meses está na barriga da namorada. Mas há uma semana não pisa no colégio.

Em Samambaia, 3,9% dos alunos admitiram fazer parte dessas galeras. Apesar de significativo, o percentual não chega nem perto de cidades vizinhas. Em Ceilândia, é quase o dobro. E, em Taguatinga, chega a 8%. Os dados fazem parte da pesquisa encomendada pela própria Secretaria de Educação para promover uma política de prevenção da paz e combate à violência.

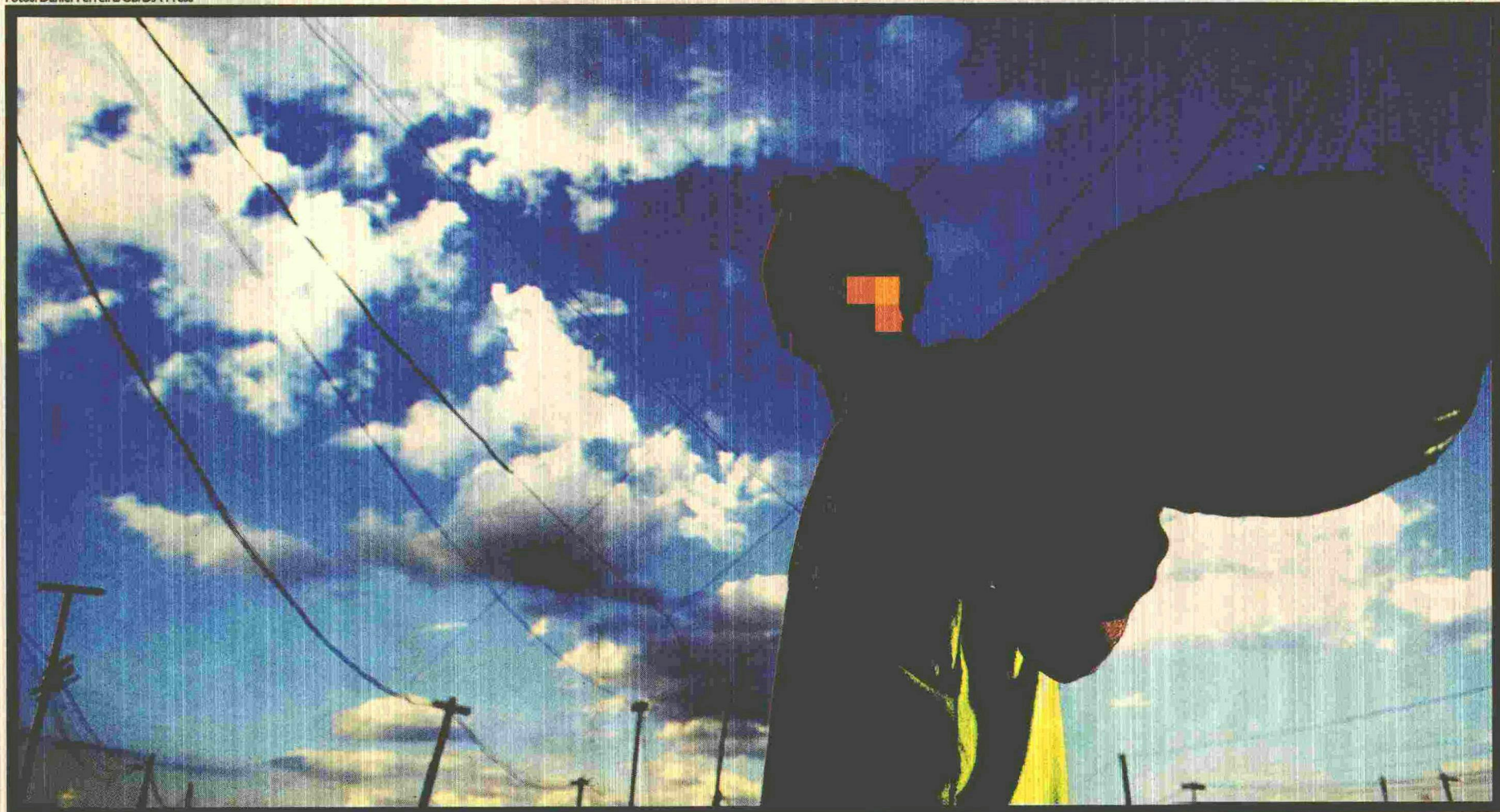
“Casos de violência relacionados às gangues, como agressão física ou roubos, precisam de intervenção policial. A escola será orientada a buscar os órgãos da Segurança Pública para não permitir essas ocorrências dentro dos muros dos colégios nem em seus arredores”, comenta o secretário José Luiz Valente.

Alheio aos planos do governo, o rapaz de galera solta o verbo. Muito do que diz é claramente para chamar a atenção, mas é tudo verdade, garante. Já usou maconha, cocaína, lança-perfume, ropinol — dentro e fora do colégio. “Na escola é dentro dos banheiros, tá ligado? Tudo mocoza-do. Não é assim à mostra também não”, comenta.

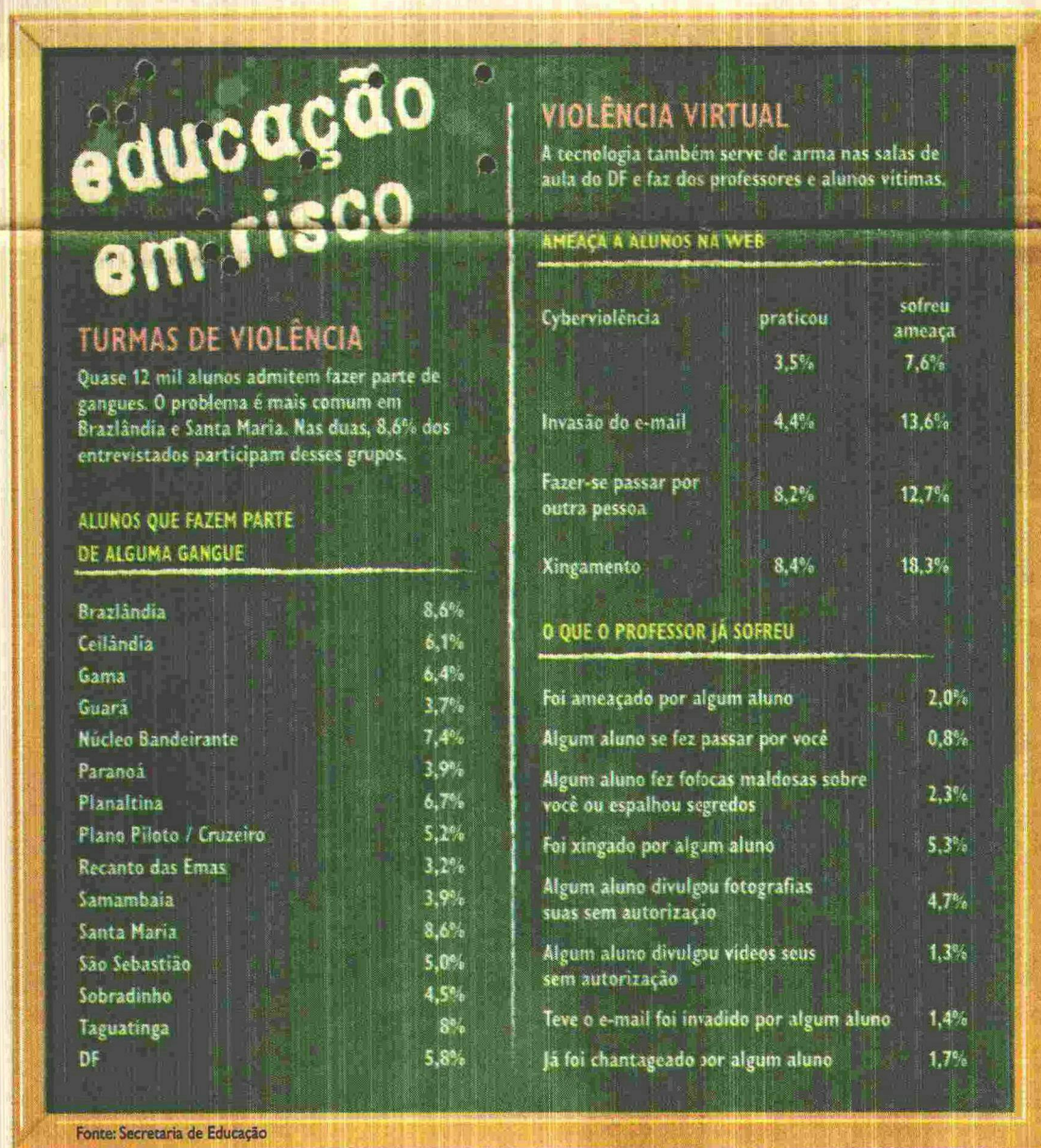
Primeiro, vem com a história de que já roubou celular e tênis de colegas. Dá gargalhadas e volta atrás. Fala que era brincadeira e confirma apenas que furtou besteiras. As brigas ele não parou para contar quantas foram. “Mas foi tudo por bobeira também”, reforça o jovem de cabelo moicano e piercing na língua.

São esses pequenos furtos e brigas que constroem a moral do adolescente na galera. Assim como saber onde comprar as drogas. A pichação com o nome dele espalhado pela cidade garante a identidade da gangue.

Fotos: Daniel Ferreira/CB/DA Press



EM ALGUMAS GANGUES, PORTAR UMA ARMA FUNCIONA COMO SÍMBOLO DE STATUS E DE PODER. ALÉM DE SER ENCARADA COMO INSTRUMENTO DE PROTEÇÃO, É USADA EM FURTOS E ROUBOS PELOS GAROTOS



Eu tenho medo de ir para a escola porque tem aqui "mal" e dentro da escola tem muita coisa ruim. Eu acho que a escola não é segura e que os alunos não devem ir para a escola porque tem muita coisa ruim lá dentro e muitos alunos não sabem disso.

REDAÇÕES DE ALUNOS MOSTRAM QUE O AMBIENTE É LONGE DE SER SAUDÁVEL

Eu acho que a escola não é segura e que os alunos não devem ir para a escola porque tem muita coisa ruim lá dentro e muitos alunos não sabem disso.

PERCEPÇÃO DE ESTUDANTE: BRIGAS DENTRO DE SALA, NO INTERVALO E NA SAÍDA

### Grupos fechados

As “galeras” trazem medo para a escola porque, com elas, os alunos passam a ser divididos em grupos fechados. Quem não se encaixa em algum fica isolado e, mesmo assim, corre o risco de ser alvo de confusões. “O problema é que, se você arranja confusão com uma pessoa só, ela chama não sei quem, aumenta a história e aí pronto”, relata uma estudante do 1º ano de Brasília. Lá, 8,6% dos estudantes reconheceram fazer parte de gangues. “Tem de pichação e tem as que roubam, usam droga, essas coisas. Tem pessoas

que entram nas gangues para se sentir protegido, sabe? Porque, na gangue, mexeu com você, mexeu com todos”, descreve uma menina de 16 anos, do Centro de Ensino Médio 417 de Santa Maria. Ela também faz parte de uma “galera”.

Em média, 71% dos alunos constatarem pichações ou depredações na escola. A cidade com maior índice citado pelos entrevistados é Ceilândia, com 81,6%. A pesquisa avaliou alunos e professores da 5ª à 8ª série do ensino fundamental e do ensino médio. Ao todo, são 186 mil estudantes e 20 mil docentes.